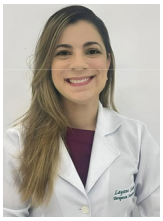
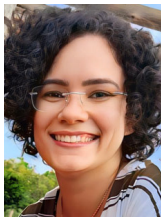
O AUTISMO NO ENSINO DE QUÍMICA BRASILEIRO: UMA REFLEXÃO


Layane L. Sabóia


Maria L. S. O. Lima

O artigo selecionado para capa nesta edição foi elaborado pelas irmãs Esp. Layane Lima Sabóia (Terapeuta Ocupacional Especialista em Neurociência e Reabiliatação com atuação na área pediátrica com público do Transtorno do Espectro Autista) e Maria Lair Sabóia de Oliveira Lima (Profa. Dra. de Química do Instituto Federal de Ciência e Tecnonogia do Sertão Pernambucano – Campus Salgueiro) que, pela primeira vez, conseguiram unir suas áreas de atuação e desenvolver um trabalho de comum interesse. A arte da capa ilustra como seria uma inclusão ideal dentro de uma sala de aula de química: com todos participando no desenvolvimento de uma atividade e com um professor capacitado para desempenhar sua mediação. Veja o artigo na íntera em http://dx.doi.org/10.21577/0100-4042.20230084.

Qual é a principal contribuição deste artigo?

Ao se consultar a Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), são raríssimos os artigos que apresentam autismo e Ensino de Química relacionados. Isso demonstra um referencial bibliográfico escasso, com carência de relatos positivos e que possam ser reproduzidos em outras salas de aula.

O presente artigo serve como um alerta à comunidade química brasileira: o que estamos fazendo pela inclusão do autista nas salas de aula? E os docentes das Instituições de Ensino Superior (IES), o que fazem para corroborar com currículos mais inclusivos? Os docentes dessas IES foram sensibilizados quanto à importância da inclusão em sala de aula? Caso não tenham sido, há tempo para sensibilizaram-se e desenvolverem estas atividades (uma vez que são estes docentes os responsáveis por relatórios, projetos, aulas, cargos administrativos...)?

Através deste artigo, convidamos a comunidade a refletir sobre nossas ações e sobre o nosso papel na educação química brasileira. É preciso desconstruir para se criar algo novo, eficiente e inclusivo.

Como foi idealizada a arte da capa?

Pensamos na arte de capa como algo que pudesse demonstrar um ambiente inclusivo, que abraçasse todos os alunos na execução de uma ação. Devemos lembrar que para que o aluno autista se sinta incluído, é importante que os demais alunos sejam empáticos e que o docente seja capacitado para executar ações inclusivas na sala de aula. É isto que objetivamos demonstrar.

Como a ideia desta revisão surgiu?

Durante a elaboração do projeto "Confecção de jogos virtuais direcionados ao ensino de cinética química: uma proposta inclusiva para alunos autistas", submetido e aprovado no Edital N° 81/2022 - Bolsas na modalidade PIBIC JR (Nível MÉDIO) – IFSertão, observei a escassez de um referencial teórico que direcionasse sua escrita. Assim, percebendo a necessidade de incomodar a comunidade química com tal situação, convidei a Terapeuta Ocupacional Layane Lima Sabóia para que, juntas, pudéssemos escrever um artigo acadêmico que alertasse sobre esta escassez e sobre a importância do desenvolvimento de materiais voltados ao público autista. Além disso, este mesmo artigo deveria gerar reflexões sobre o porquê disso não acontecer.

Quais são as perspectivas futuras para a linha de pesquisa?

Como perspectivas, seguiremos elaborando projetos com foco na inclusão de alunos autistas e outras neuroespecificidades. Como fruto do projeto "Confecção de jogos virtuais direcionados ao ensino de cinética química: uma proposta inclusiva para alunos autistas", há um livro, intitulado como "Conceitos de cinética química com uma abordagem inclusiva", a ser publicado com materiais suplementares que atendam a parte do público neurodiverso. A ideia é desenvolver mais materiais nessa linha, com materiais suplementares possíveis de utilizarmos videoaulas, jogos e o hiperfoco do aluno (quando o tiver) como alicerces do aprendizado. Esperamos também que outros grupos de pesquisa se sensibilizem e passem a também focar na elaboração desse tipo de material.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.